

# Entrar em hospitais não é difícil

Diário de S.Paulo, 07/05/2010

Dois dias após jovem invadir maternidade e levar criança, DIÁRIO acessou facilmente unidades do SUS

FOTOS: JOÃO CLARA/ DIÁRIO SP

FABIANO NUNES  
fabiano.nunes@diariosp.com.br

FILIPE SANSONE  
filipe.sansone@diariosp.com.br

► Na noite de terça-feira, uma adolescente de 15 anos se passou por enfermeira e entrou no Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, no Belém, Zona Leste da capital, onde sequestrou o bebê Isadora Fernandes Pereira Ferri (*leia nesta página*). Ontem, o DIÁRIO foi a alguns hospitais estaduais e filantrópicos que atendem pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e constatou que, na maioria, não é difícil entrar e percorrer todos os setores, inclusive a maternidade, sem ser questionado.

Um hospital visitado foi a Santa Casa, no Centro. Chegando pela entrada da Rua Dona Veridiana, às 13h, o DIÁRIO encontrou, na recepção, um segurança conversando com uma recepcionista. Sem ser barrada, a reportagem foi de escada até a maternidade, no terceiro andar. Lá, chegou até perto da UTI neonatal e ainda conversou com grávidas que esperavam atendimento no ambulatório. Só depois de 13 minutos, uma enfermeira desconfiou do repórter e chamou a segurança que, inclusive, ameaçou o repórter e o fotógrafo.

## Pelo pronto-socorro

Já no Hospital Santa Marcelina de Itaquera, Zona Leste, chegar até a maternidade — considerada a melhor da capital que atende pelo SUS — pela entrada principal não é tão fácil, pois é preciso ter crachá de visitante. No entanto, pela entrada do pronto-socorro, apesar de haver seguranças, não é difícil chegar aos ambulatórios e pegar escadas. A reportagem ficou no local por 20 minutos sem ser abordada.

Outro hospital visitado, o Geral de Guarulhos, na Grande São Paulo, que é estadual, tem a entrada monitorada por seguranças. Eles orientam visitantes e pacientes a fazerem um cadastro na recepção. A reportagem, porém, conseguiu ir da fila de entrada até a lanchonete. De lá, chegou ao banco de sangue, centro ortopédico, setor de obstetria, além do pronto-socorro. Foram 15 minutos sem nenhuma abordagem.

No Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, onde Isadora foi sequestrada, os seguranças estavam mais atentos. Mesmo assim, o DIÁRIO entrou no pronto-atendimento, onde ficou por cinco minutos sem ser abordado.

No Hospital Estadual da Vila Alpina, na Zona Leste, só foi possível entrar na área de ambulatórios, antes que um segurança pedisse para que o repórter voltasse para a recepção.



► HOSPITAL Leonor Mendes de Barros, onde uma adolescente conseguiu entrar fingindo ser enfermeira para sequestrar um bebê



► HOSPITAL Santa Marcelina tem acesso fácil pelo pronto-socorro



► HOSPITAL Geral de Guarulhos: 1

## Unidades dizem seguir normas

► A Secretaria de Estado de Saúde informou em nota que possui protocolos de segurança em sua rede hospitalar e que orienta os funcionários a seguir à risca. Segundo a pasta, no Hospital Geral Vila Alpina, onde o DIÁRIO entrou, há áreas de livre acesso, mas sem identificação por crachá, pessoas não têm acesso a elevadores. Na maternidade, diz a secretaria, há seguranças exclusivos.

No Hospital Geral de Guarulhos, também há orientação para impedir entrada de terceiros. “As áreas onde o repórter teve acesso são consideradas áreas de circulação externa. O hospital também apresenta circuito interno de gravação”, diz a pasta.

Já a Santa Casa, onde repórter e fotógrafo foram ameaçados por seguranças, mesmo após se identificarem, diz que “lamenta profundamente a atitude” da reportagem de ter “invadido” o hospital. Afirma ainda que o DIÁRIO “causou constrangimento às pacientes e colocou em risco a integridade física das crianças, mulheres e funcionários do Departamento de Ginecologia e Obstetria”.

A Santa Casa diz que “a entrada de visitantes no departamento é controlado por um porteiro e uma recepcionista, que, após identificação dos visitantes entrega uma etiqueta para ser fixada na roupa em lugar visível”, sendo que “só é liberado para entrada no horário de início de visita”. A reportagem, porém, passou pela entrada sem identificação e circulou livremente por 13 minutos. A abordagem foi feita por uma auxiliar de enfermagem, que solicitou a presença da equipe de segurança. Após esse momento o repórter identificou-se e aguardou a equipe e assessoria no local.

O Hospital Santa Marcelina informou que segue orientações de segurança e que, por dia, mais de 6 mil pessoas transitam por lá, entre funcionários, visitas e fornecedores. “Serão aplicados esforços para que os pacientes continuem depositando a confiança na instituição.”

“**O fluxo diário de pessoas transitando pelo hospital ultrapassa 6 mil**”